



A noção de *língua* no processo da *versão* enquanto atividade tradutória: uma perspectiva enunciativa



Autor: Sara Luiza Hoff
Bolsista PIBIC/CNPq – UFRGS

Orientador: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A versão – também chamada tradução inversa – consiste na transposição de um texto escrito na língua materna do tradutor para uma língua estrangeira. Trata-se de um fenômeno tradutório que é pouco discutido no ambiente acadêmico brasileiro, havendo, desse modo, espaço e necessidade de ampliar os estudos sobre essa prática (HOFF; FLORES, 2015).

OBJETIVOS

- Refletir sobre a versão, considerando especialmente as operações e os mecanismos linguísticos utilizados pelo tradutor.
- Refletir acerca das implicações teóricas que os procedimentos envolvidos na tradução e na versão têm na reflexão sobre a prática tradutória em seu conjunto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Benveniste (1967/2006) concebe a língua como sendo constituída de dois domínios: o semiótico e o semântico. O domínio semiótico é o domínio intralinguístico e corresponde à organização dos signos, que são as unidades semióticas. Os signos têm uma dada significação na língua, e sua existência é determinada pelo grupo de falantes de tal língua, que o aceitam ou não como pertencendo a ela. Por outro lado, o domínio semântico corresponde à língua colocada em uso pelos falantes. As unidades desse domínio são as palavras, que são agenciadas em frases, constituindo a materialidade do discurso. Para Benveniste, a possibilidade de tradução de uma língua para outra encontra-se no semantismo, enquanto a sua impossibilidade está no semioticismo.

METODOLOGIA

- *Metodologia de coleta de dados*

Os dados foram coletados através de observação participante de aulas da disciplina de Versão do inglês IV, do curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ministrada durante o primeiro semestre do ano de 2015. A disciplina foi ministrada por um professor falante nativo de inglês e também contou com a presença de alunos falantes nativos dessa língua – doravante denominados tradutores diretos –, além da participação de uma maioria de alunos falantes nativos de português, aqui referidos como tradutores inversos. Durante as aulas, três contos do livro *Ainda Orangotangos*, do escritor Paulo Scott, foram vertidos para o inglês. As aulas consistiram na discussão das propostas de traduções dos alunos e do professor. A partir dessas discussões, foram gerados dados, compilados e registrados em um diário.

- *Metodologia de análise de dados*

Os dados coletados foram organizados em cinco grupos, conforme suas características. Após, eles foram analisados considerando as categorias propostas por Benveniste – semiótico e semântico (cf. Fundamentação teórica).

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Os dados coletados foram divididos em cinco grupos relativos, predominantemente, a:

- *Aspectos de interpretação*

Dada a natural ambiguidade de qualquer idioma e a natureza literária dos textos trabalhados na disciplina, todos os participantes demonstraram dificuldade para atingir consenso sobre o sentido de alguns pontos dos textos.

- *Aspectos culturais*

Observados tanto entre os tradutores diretos quanto os tradutores inversos, estão relacionados principalmente ao uso de gírias e expressões idiomáticas, além de adequação ao contexto discursivo dos textos.

- *Aspectos linguísticos e gramaticais*

Observados tanto entre os tradutores diretos quanto os tradutores inversos, estão relacionados principalmente ao uso de tempos verbais, a mecanismos de referenciação e à distinção de diferenças de significados de certas palavras.

- *Aspectos relacionados à leitura do texto de origem*

Observados somente entre os tradutores diretos, se relacionam ao desconhecimento de expressões e dificuldades de interpretação de textos ambíguos.

- *Aspectos relacionados à produção do texto de chegada*

Observados somente entre os tradutores inversos, referem-se a questões gramaticais e a dificuldades para distinguir significados de certas palavras e expressões.

As observações feitas permitem entender que, embora haja aspectos que embora haja aspectos que ocorrem tanto entre brasileiros e estrangeiros e que, portanto, parecem ser questões naturais do processo tradutório, também há diferenças fundamentais quando se faz uma tradução ou uma versão. Em geral, foi possível observar que aqueles que faziam versões não tiveram problemas em identificar o(s) sentido(s) dos textos de origem, sendo capazes de perceber e distinguir as sutilezas da sua língua nativa no domínio semântico.

Por outro lado, na maioria dos casos, somente os estrangeiros – aqueles que estavam fazendo tradução *stricto sensu* – foram capazes de diferenciar e de identificar, de maneira mais precisa, o significado das palavras na língua de chegada. Na maioria dos casos, somente eles conseguiam determinar se o uso de um dado signo seria aceitável no texto de chegada, ou seja, conseguiam determinar quais as unidades semióticas aceitáveis no contexto pretendido.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. “A forma e o sentido na linguagem.” In: _____. *Problemas de linguística geral II*. 2ª ed. Campinas: Pontes, Editores, 2006. p. 220–242.
- FLORES, V. N.; BARBISAN, L.; FINATTO, M. J.; TEIXEIRA, M. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009. 284 p.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola: 2013. 198 p.
- HOFF, Sara Luiza; FLORES, Valdir do Nascimento. “Versão: um diagnóstico dos estudos acerca dessa atividade tradutória no Brasil”. *Belas Infêis*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 181-194, 2015.
- NUNES, Paula Ávila. *A prática tradutória em contexto de ensino (re)vista pela ótica enunciativa*. 2012. 236 f. Tese (Doutorado em Análises textuais e discursivas) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- SCOTT, Paulo. *Ainda orangotangos: contos*. Porto Alegre: Bertrand Brasil, 2007. 82 p.